

Qual a função política do documentário?

A maior referência cinematográfica de minha infância são os filmes dos Trapalhões que minha mãe me levava para assistir todo final de ano nos Cinemas de rua em Duque de Caxias. Hoje, 99% desses cinemas não existem mais, pois deram lugar a grandes magazines ou templos religiosos. O primeiro deles foi o Cine Brasil, seguido do Cine Caxias, Cine Paz, Cine Central, Cine River... É... Caxias era bem servido de cinemas.

Uma vez fomos assistir O Mundo Mágico dos trapalhões. Poxa! Se os trapalhões já eram sinistros, imaginem O MUNDO MÁGICO dos trapalhões. Numa das primeiras cenas o Zacarias passa de terno, gravata, carregando uma mala e sem peruca, olha para a câmera e cumprimenta-a. Fiquei ali parado, pensando... Alguma coisa muito estranha estava acontecendo em minha cabeça de oito anos de idade. Olhei para minha mãe com um olhar meio tímido, meio medroso, e ela nada.

Quando saímos do cinema, percebi que não era a única criança apavorada. Tinha neguinho chorando e o cacete. Olhei novamente para minha mãe, mas desta vez com um olhar penetrante, como quem perguntasse... E aí?

– Desculpe meu filho... Eu não sabia que era um DOCUMENTÁRIO.

A partir deste dia a palavra, *documentário*, não foi mais esquecida por mim. Passei a associá-la a uma coisa muito ruim. Ao único motivo capaz de fazer minha mãe me pedir desculpas. Quinze anos depois, quando fui apresentado ao Silvio Tendler, diretor do filme, fiz questão de contar essa história e ele adorou.

– Eureka. Era isso que eu queria. Quando aceitei esse trabalho, a primeira coisa que eu pensei foi em ver a família reunida dentro do cinema para assistir um documentário. Era meu sonho.

Pela primeira vez em minha vida vi alguém se referir ao documentário como uma coisa produtiva. E a partir daí comecei a pensar sobre o tempo que tinha perdido. Imediatamente me uni ao Rafael da Costa e João Xavier para realizar o 1 Ano e 1 Dia. Captamos cinco horas de imagens e sons para montar um roteiro na ilha durante oito meses. Nesse período conversei com diversos mestres do audiovisual da Cufa, inclusive o Sílvio Tandler e o João Salles, e minha maior guerra foi decidir que plano fica e que plano sai da história.

Esses dias o João Salles falou da ética no documentário em sua palestra do Cinco Vezes Favela. Isso me fez voltar ao período da edição do meu filme. Onde cortar? Onde colar? Quem pode prever as conseqüências de um filme na tela? Principalmente por que quatro anos depois do filme receber três prêmios, o mentor da história foi assassinado. Daí uma questão: Ele faleceu quatro anos depois por causa do filme? Ou se manteve vivo por quatro anos por causa do filme? Ou por causa da militância? Ou por causa da violência? Nunca teremos essas respostas.

Pra finalizar não vou concluir meu raciocínio, pois não tenho essa conclusão dentro de mim. Hoje tenho mais dúvidas do que ontem e acredito que será assim até o fim de minha carreira. Mas mesmo assim torço para estar correto nos pontos de vistas que resolver mostrar e em acreditar que o cinema não deve ser 100% político e nem 100% estético, mas algo entre esses dois extremos. Para uns diretores mais ou menos isso, para uns expectadores mais ou menos aquilo. O importante é não parar de fazer filmes.

É noise!

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/qual-a-funcao-politica-do-documentario>